



25 novembro 2016

21.º SEMINÁRIO ESCXEL

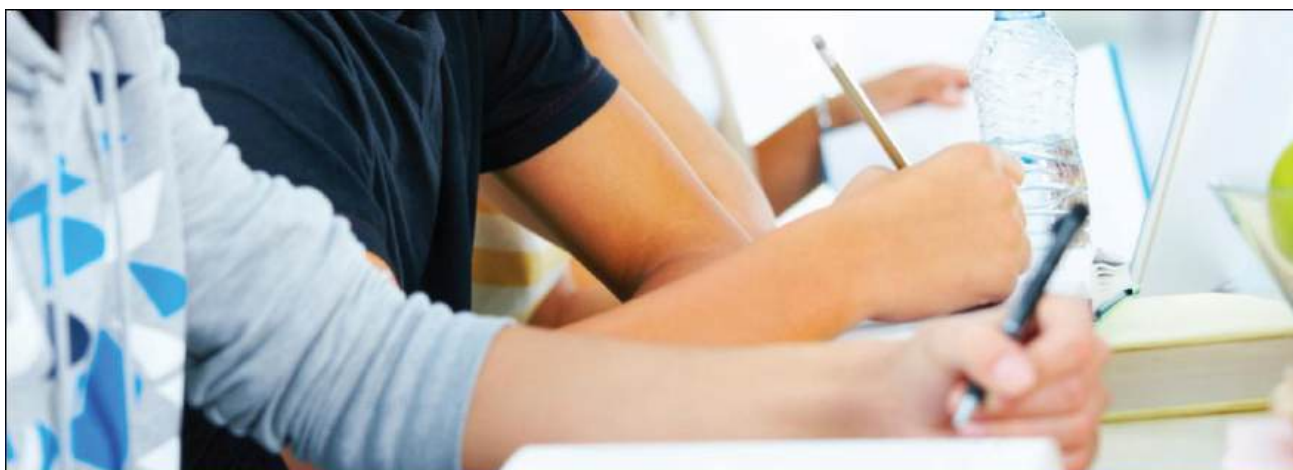
REDE DE ESCOLAS DE EXCELÊNCIA



INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO PARA A DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

AUDITÓRIO COMENIUS
Instituto Politécnico de Castelo Branco





ÍNDICE

2 | INTRODUÇÃO

4 | PROGRAMA

6 | RESUMOS E CONCLUSÕES

Anexos

1. **SESSÃO_PLENARIA1:** Diferenciação pedagógica e sucesso escolar – diferenciação ou discriminação?
2. **SESSÃO_PLENARIA2:** OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA
3. **WORKSHOP 1.** A adaptação de materiais de avaliação para os alunos com necessidades educativas especiais
4. **WORKSHOP 2.** Os nossos instrumentos de avaliação. Agrupamento de Escolas da Batalha
5. **WORKSHOP 3.** Avaliação de Competências
PiAENA - Projeto de Inglês do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares
A Avaliação da Oralidade
6. **Avaliação do Seminário**

INTRODUÇÃO

No dia 25 de novembro, realizou-se, em Castelo Branco, o XXI Seminário da Rede de Escolas de Excelência (Rede ESCXEL), sob o tema **“Instrumentos de avaliação para a diferenciação pedagógica”**, tendo sido este o seminário que encerrou um ciclo dedicado à diferenciação nas suas diversas vertentes: organizacional, curricular e avaliativa.

O seminário decorreu no auditório Comenius, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, e parcialmente na escola-sede do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano. Durante a manhã, o programa contemplou duas comunicações: **“Diferenciação pedagógica e avaliação”**, pelo Prof. Doutor David Justino, e **“Os instrumentos de avaliação na diferenciação pedagógica”**, pelo Prof. Doutor Valter Lemos. À tarde, realizaram-se três *workshops* destinados à partilha de práticas pedagógicas em diferentes escolas da Rede ESCXEL. Os mesmos enquadraram-se nos seguintes temas: **“Instrumentos de avaliação diferenciados para públicos específicos”**, **“Projeto de escola para a diferenciação pedagógica na avaliação”** e **“Avaliação de competências”**.

Este seminário, muito participado, pois contou com mais de 130 inscrições, permitiu, como tem sido hábito, refletir e procurar soluções adequadas para problemas comuns em contextos diferentes. Sintetizamos algumas das questões levantadas e ideias exploradas, entre muitas outras que não nos é possível referir nesta nota informativa: “Qual a fronteira entre diferenciação e discriminação?”; “A diferenciação organizacional só fará sentido se for garantida uma diferenciação curricular e avaliativa e não a continuidade das mesmas abordagens pedagógicas.”; “A escola deve estimular a diferença e promover a igualdade. A diferenciação pedagógica implica equidade educativa, melhorar a igualdade de oportunidades e conseguir, com os meios adequados, que as aprendizagens alcançadas diminuam a desigualdade de resultados.”; “Os instrumentos de avaliação são, também, instrumentos de aprendizagem e devem ser o mais diversificados possível, atendendo aos diversos perfis de alunos (são exemplos os duplos testes, relatórios de tarefas, apresentações orais, debates, portfólios, entre outros). Assim, todos os instrumentos de avaliação têm uma função idêntica: corrigir e melhorar o processo de ensino e aprendizagem, sendo, pois, fundamental que seja dado um *feedback* ao aluno e que se realize uma reflexão profunda sobre os resultados alcançados.”

Após este enquadramento do tema, **nos *workshops* da tarde, as escolas apresentaram medidas concretas que visam garantir a diversificação dos instrumentos de avaliação, como resultado da diferenciação na abordagem de conteúdos e desenvolvimento de competências.** O

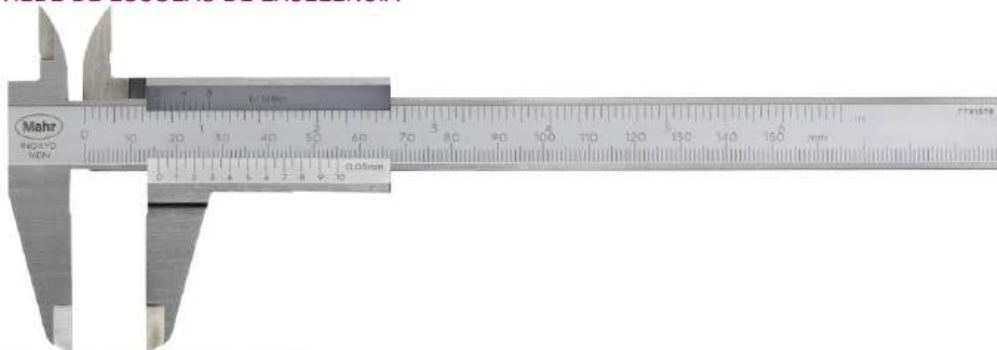
Agrupamento de Escolas da Batalha apresentou a forma como organiza e articula o processo de avaliação em todos os ciclos. O Agrupamento de Escolas Nuno Álvares apresentou o seu projeto de Inglês e, mais especificamente, como avalia a oralidade. Já o Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro mostrou alguns dos instrumentos usados em Português Língua Não Materna e, por fim, o Agrupamento de Escolas de Miraflores apresentou a sua visão de escola relativamente à avaliação de alunos com necessidades educativas especiais.

A Rede ESCXEL agradece o contributo de todos para mais um seminário que permitiu avançar no caminho que vem trilhando ao longo dos anos: a compreensão das múltiplas realidades integradas no nosso sistema educativo, a procura de soluções que permitam dar uma resposta mais adequada às necessidades dos alunos, a partilha de boas práticas e a melhoria de resultados, de forma a atingir a excelência educativa e oportunidades para todos os alunos.

25 novembro 2016

21.º SEMINÁRIO ESCXEL

REDE DE ESCOLAS DE EXCELÊNCIA



INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO PARA A DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

AUDITÓRIO COMENIUS
Instituto Politécnico de Castelo Branco

25 de novembro de 2016 (sexta-feira)

9:00h – Receção aos participantes

Local: Auditório Comenius; Instituto Politécnico de Castelo Branco
Av. Pedro Álvares Cabral, nº 12 - 6000-084 Castelo Branco

9:30 h – Sessão de Abertura

Presidente da Câmara Municipal de CB – Dr. Luís Correia
Projeto ESCXEL – CICSNOVA – Professor Doutor David Justino.
Presidente do Instituto Politécnico de Castelo Branco – Professor Doutor Carlos Maia
Coordenadora Concelhia do Projeto Escxel – D.ra Maria Clara Moreira

10:00 h – Diferenciação pedagógica e avaliação

Professor Doutor David Justino
CICS.NOVA, FCSH, Universidade Nova de Lisboa

Debate

11:00h – Intervalo – pausa para café



11:30h – Os instrumentos de avaliação na diferenciação pedagógica

Professor Doutor Valter Lemos
Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Castelo Branco

12:45h – Almoço

14:30h

Workshop 1

Instrumentos de avaliação diferenciados para públicos específicos

A adaptação de materiais de avaliação para os alunos com necessidades educativas especiais
Dr.ª Rita Gonçalves (Oficina do Comportamento, Lda)

Avaliação dos alunos com necessidades educativas especiais - a visão da escola.

Dr.ª Isabel Zagalo (Agrupamento de Escolas de Miraflores)

Construção de instrumentos pedagógicos em Português Língua Não Materna

Dr.ª Antónia Ramos e Dr.ª Glória Dias (Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro)

Moderador Carlos Matos

Relator Paulo Portugal

Workshop 2

Projeto de Escola para a diferenciação pedagógica na avaliação

Os nossos instrumentos de avaliação

Dr. Luís Novais (Diretor do Agrupamento de Escolas da Batalha)

Moderadora: Alice Nascimento

Relatora: Inês Ribeiro

Workshop 3

Avaliação de Competências

PIAENA -Projeto de Inglês no AENA

Avaliação da oralidade

Dr.ª Ana Cravo (Agrupamento de Escolas Nuno Álvares de Castelo Branco).

Moderadora Margarida Batista

Relatora Susana Neves

16:00h – Apresentação das sínteses dos workshops

Relatores dos Workshops

Coordenador do Projeto ESCXEL - Professor Doutor David Justino

17:00h – Visita ao Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco

Exposição – Estudos de Luz – indícios, reflexos e sombras na coleção de Serralves.



SESSÃO_PLENARIA1:

DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

E SUCESSO ESCOLAR

DIFERENCIAÇÃO OU DISCRIMINAÇÃO?

DAVID JUSTINO

Diferenciação organizacional, curricular e dos processos de ensino e aprendizagem

Práticas escolares que visam facilitar o ensino e aumentar a capacidade de aprendizagem. As teorias da diferenciação argumentam que essas práticas permitem aos professores adequar o ensino ao nível das diferentes capacidades dos seus alunos, maximizando a eficácia e a eficiência do processo ensino-aprendizagem.

DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

Uma velha polémica entre escola de massas e ensino individualizado

[Nos Colégios] As regras da ciência e os preceitos da moral são formuladas em comum e a horas fixas por dia a todos os que ali concorrem ; observa-se nisso a escrupulosa regularidade de um estabelecimento industrial. A regra do ensino é inflexível, inalterável, única. Não se modifica para amoldar-se às desigualdades de aptidão e caracteres de cada discípulo, que para tanto falta o tempo e a paciência.

O ensino nos colégios há de ser forçosamente administrado como a alimentação – em refeitório. Mal da instituidora se ia a fazer cozinha à parte segundo os gostos e talvez as necessidades de organização de cada educanda. A tanto não vai o seu compromisso. Só as mães sabem temperar diferentemente o prato de cada filho, só elas igualmente sabem ministrar, sob formas diversas, a cada um o ensino dos preceitos invariáveis de uma sã moral.

Júlio Dinis, *Inéditos e Esparsos*, Lisboa, A Editora, 3ª edição s/d, pp. 258-260.

(Ver Anexo 1)

SESSÃO_PLENARIA2:

OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

21º SEMINÁRIO ESCXEL

CASTELO BRANCO, 25 NOVEMBRO 2016

VALTER LEMOS

(Ver Anexo 2)

WORKSHOP 1

A adaptação de materiais de avaliação para os alunos com necessidades educativas especiais

8

A educação inclusiva é um processo contínuo que visa oferecer uma educação de qualidade para todos, tendo em consideração a diversidade e as diferentes necessidades e competências, características e expectativas de aprendizagem dos alunos e comunidades, eliminando todas as formas de discriminação (UNESCO; cit. por European Agency, 2008). É possível transformar a capacidade para aprender de cada aluno (Hart *et al.* (2004, cit. por European Agency, 2015), no entanto a existência de uma necessidade educativa especial pode ser um grande desafio a este conceito de “*transformabilidade*”.

A participação de todos os agentes educativos envolvidos, a elaboração de materiais e a implementação de estratégias adequadas e individualizadas para a avaliação dos alunos com necessidades educativas especiais (NEE), constituem fatores importantes para que seja possível fomentar a aprendizagem dos mesmos. Torna-se fundamental a existência de um trabalho em equipa multidisciplinar, com o professor titular de turma, ou os professores responsáveis pelas várias disciplinas, com o psicólogo do contexto escolar, professor de ensino especial ou o professor de apoio que acompanhem o aluno com NEE e o técnico / terapeuta que acompanhe também o aluno e caso exista.

Para a elaboração dos materiais de avaliação dos alunos com NEE, é importante primeiro pensar qual é o objetivo que se pretende: avaliar os conteúdos académicos previamente trabalhados e estudados com os alunos, ou o saber responder a diversas instruções em que os conteúdos académicos possam ser apresentados. Muitas vezes, os materiais / exercícios são apresentados com instruções complexas, que poderão influenciar o desempenho de um aluno com

necessidade educativa especial, tendo conhecimento da resposta correta, mas devido à forma como a questão lhe foi colocada não lhe vai ser permitido mostrar esse conhecimento.

São várias as estratégias e medidas que poderão ser tomadas, para melhor avaliar um aluno com NEE, como por exemplo, realizar questões mais diretas e que não impliquem o uso de códigos ou a realização de vários passos; aceitar as respostas curtas em que o aluno seleciona e apresenta apenas a informação relevante; apresentar pistas visuais com várias respostas como opções, para o aluno selecionar a correta; destacar a instrução principal a negrito ou com uma cor diferente do resto da questão; usar imagens perceptíveis, com cores e conhecidas para o aluno com NEE; apresentar menos questões por página, tamanho de letra maior e também maior espaçamento entre as frases; entre outras.

É importante referir que estas estratégias devem ser aplicadas de acordo com as características de cada aluno, salientando-se que os materiais devem, por isso, ser individualizados e construídos de acordo com o conhecimento que os agentes educativos têm do aluno e da forma como os conteúdos vão sendo trabalhados com o mesmo. É, também, importante que estas adaptações sejam realizadas nos vários momentos ao longo do ano escolar, não apenas nas provas de avaliação, como também nos trabalhos de casa, fichas / exercícios de sala de aula, etc.. e que outras estratégias sejam implementadas, como trabalhos de grupo (privilegiando-se a aprendizagem com os pares como um outro modelo), trabalhos individuais (para a promoção da autonomia), dando-se assim primazia à avaliação contínua, tal como acontece com todos os outros alunos sem NEE.

Por fim, deve-se referir que, apesar de ser importante usar estas estratégias para permitir ao professor melhor avaliar um aluno com NEE, ao longo do ano letivo podem ser trabalhadas formas de apresentação de questões cada vez mais complexas, à medida que o aluno vai aprendendo. É um trabalho que deve ser realizado de forma gradual (se necessário definindo-se um objetivo de cada vez), de acordo com os sucessos do aluno e que permite cada vez mais uma maior aproximação à forma como os restantes alunos são avaliados.

Bibliografia:

Agência Europeia para o Desenvolvimento em Necessidades Educativas Especiais (2003).

Educação Inclusiva e Práticas de Sala de Aula – Relatório Síntese. Agência Europeia.

European Agency for Special Needs and Inclusive Education (2015). *Empowering Teachers to Promote Inclusive Education – Conceptual Framework and Methodology.*

European Agency.

WORKSHOP 2

Identificação do(s) autor(es)

1. Escola/ agrupamento: Agrupamento de Escolas da Batalha

2. Nome(s): Luís Miguel Faustino Novais / Paulo José Santos Carriço Portugal

11

II – Resumo da proposta

1. Tipo de Proposta:

Apresentação em Seminário Divulgação por escrito

2. Título: Os nossos instrumentos de avaliação

3. Relato:

O Agrupamento de Escolas da Batalha (AEB) encontra-se organizado em departamentos curriculares facilitadores da articulação entre ciclos. Assim, nos departamentos de Português, Matemática e Línguas Estrangeiras estão agrupados todos os docentes que lecionam as disciplinas de português, de matemática e de inglês, francês e espanhol, do 2.º ciclo ao ensino secundário, tanto do ensino geral, como do ensino profissional ou vocacional, organização facilitadora de uma articulação que permite a identificação dos conteúdos mais relevantes e das dificuldades mais significativas de modo a facilitar a seleção e implementação das estratégias mais adequadas, considerando as metas definidas, aferição de termos e conceitos, a partilha de informação e materiais pedagógicos, e também a realização de atividades comuns, no âmbito do Plano Anual de Atividades.

Também nos outros departamentos estão grupos disciplinares com algum tipo de afinidade, em práticas e metodologias, potenciadoras de articulação horizontal e vertical.

Como era feita a avaliação? Com base em que parâmetros? Que instrumentos eram utilizados para a recolha de indícios e dados? Estas eram questões pertinentes que a direção colocava a todos os grupos disciplinares.

O AEB procedeu à elaboração de um documento compreensivo contendo os critérios de avaliação para todos os ciclos de ensino/modalidades de ensino/disciplinas e os instrumentos de avaliação, com os seus pesos relativos, para transparecer de uma forma o mais objetiva possível todo este processo para discentes, encarregados de educação e docentes. Assim, é elaborado, anualmente, um documento, com a apresentação compilada dos critérios gerais de avaliação a aplicar.

O “Sr. Excel” é uma boa ferramenta para dar a avaliação sumativa de um aluno!

Pois, mas é preciso dar-lhe informação correta, atualizada, variada, decorrente da definição de estratégias pedagógicas aplicadas aos alunos, fazendo a análise do resultado final olhando, não só para o ponto de chegada, mas também para o ponto de partida.

Nas diferentes disciplinas, consoante seja no ensino básico ou no ensino secundário, no ensino geral, profissional ou vocacional, na área das ciências, exatas e não só, na área das línguas ou nas diferentes expressões, os instrumentos de avaliação são diversificados procurando ajustar-se à diversificação dos alunos, consoante o seu perfil, às especificidades dos conteúdos a abordar e às capacidades a desenvolver.

Em todos os departamentos é realizada uma análise conjunta dos conteúdos lecionados, das dificuldades de aprendizagem manifestadas pelos alunos e dos seus resultados escolares.

O parâmetro “Atitudes” foi objeto de ampla discussão com vista à harmonização dos descritores a escolher para a operacionalização da sua avaliação, a qual tem por base o registo de observações em grelha construída para o efeito, em articulação com os diretores de turma.

De acordo com as estratégias e processos utilizados pelo aluno, apresentamos os seguintes instrumentos operacionalizados no Agrupamento de Escolas da Batalha:

1. Observação das estratégias e processos utilizados (informalmente ou de forma estruturada) - desempenho na execução das atividades laboratoriais (observação de determinados parâmetros medidos através de um conjunto de descritores); participação nas aulas, realização dos trabalhos de casa, relatórios de acompanhamento da formação em contexto de trabalho e da prática simulada;
2. Testes e outras formas de produção escrita - avaliada através de composições, resumos, fichas de trabalho; fichas individuais / pares (questões-aula, fichas de controlo de atividades laboratoriais,...);
3. Comunicação e questionamento oral - atividades de oralidade informal, de expressão oral, de leitura/compreensão, de expressão escrita, de educação literária, de gramática; atividades de oralidade formal pelo menos uma vez por período, em português e nas línguas estrangeiras; apresentação oral dos trabalhos de investigação e dos projetos desenvolvidos; em português temos a apresentação oral de um tema de um livro ou dramatizações do mesmo; nas línguas estrangeiras existem também atividades como o *roleplay*, a entrevista, ou a apresentação do *project work*;

4. Trabalhos práticos - atividades práticas laboratoriais e de práticas oficinais, das quais podem resultar a elaboração de V's de Gowin, relatórios científicos,...;
5. Trabalho de campo/projetos - trabalhos de investigação, projetos, projeto oficial (individual ou grupo).

A prática da avaliação formativa, entendida numa perspetiva construtivista, deve permitir obter informação e um acompanhamento continuado do aluno de modo a fornecer dados pertinentes para a regulação dos processos de ensino e de aprendizagem. É através do uso de estratégias diferenciadas que se torna possível ao aluno inverter o percurso de dificuldades e reforçar aprendizagens já conseguidas.

13

A recolha da informação sobre todo esse processo está ligada aos objetivos de aprendizagem definidos e à determinação de critérios de avaliação. Para isso, será importante a criação de tarefas e de situações-problema que ao mesmo tempo que estimulam o pensamento do aluno funcionam como instrumento avaliativo. Os critérios, neste contexto, correspondem a orientações da ação que indicam o que tem de ser feito no processo de aprendizagem, situam o aluno em relação a essa tarefa e indicam o nível de sucesso da resolução alcançada. E é o que tem sido feito no nosso agrupamento, com uma redução do abandono escolar para a taxa zero, um aumento da taxa global de sucesso do ensino básico, um aumento na taxa de sucesso no ensino profissional, ultrapassando pela 1ª vez a taxa nacional, a manutenção na generalidade das disciplinas de resultados obtidos nos exames nacionais acima das médias nacionais e uma luta constante para a melhoria da qualidade do sucesso do ensino básico e secundário, pelo aumento do número de alunos com sucesso a todas as disciplinas.

A avaliação deve construir pontes e não levantar muros!!

(Ver Anexo 4)

WORKSHOP 3

Avaliação de Competências

PiAENA - Projeto de Inglês do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares

A Avaliação da Oralidade

25 de novembro de 2016

Ana Cravo

Agrupamento de Escolas Nuno Álvares, Castelo Branco

(Ver Anexo 5)



DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA E SUCESSO ESCOLAR

DIFERENCIAÇÃO OU DISCRIMINAÇÃO?

DAVID JUSTINO



DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

Diferenciação organizacional, curricular e dos processos de ensino e aprendizagem

Práticas escolares que visam facilitar o ensino e aumentar a capacidade de aprendizagem. As teorias da diferenciação argumentam que essas práticas permitem aos professores adequar o ensino ao nível das diferentes capacidade dos seus alunos, maximizando a eficácia e a eficiência do processo de ensino-aprendizagem.

DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

Uma velha polémica entre escola de massas e ensino individualizado



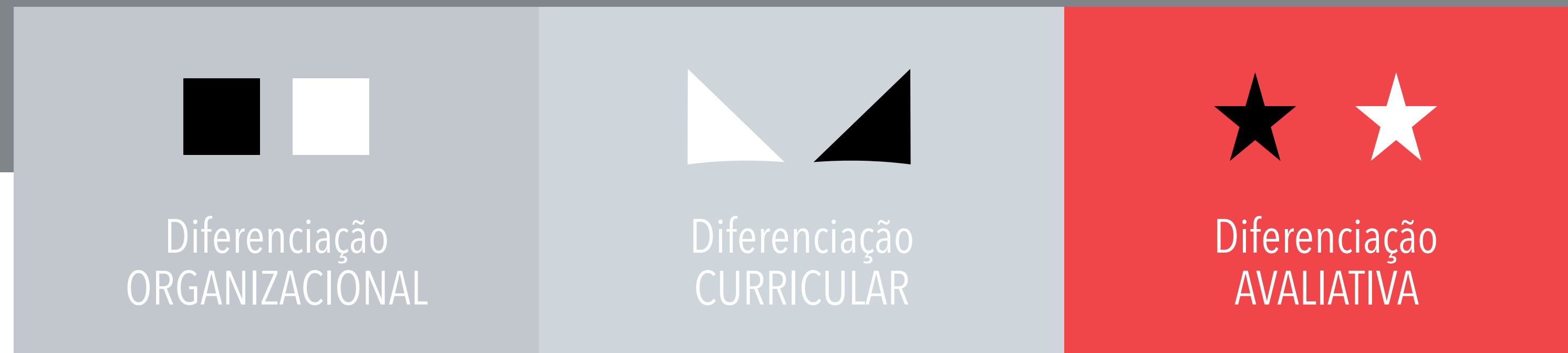
[Nos Colégios] As regras da ciência e os preceitos da moral são formuladas em comum e a horas fixas por dia a todos os que ali concorrem ; observa-se nisso a escrupulosa regularidade de um estabelecimento industrial. A regra do ensino é inflexível, inalterável, única. Não se modifica para amoldar-se às desigualdades de aptidão e caracteres de cada discípulo, que para tanto falta o tempo e a paciência.

O ensino nos colégios há de ser forçosamente administrado como a alimentação – em refeitório. Mal da instituidora se ia a fazer cozinha à parte segundo os gostos e talvez as necessidades de organização de cada educanda. A tanto não vai o seu compromisso. Só as mães sabem temperar diferentemente o prato de cada filho, só elas igualmente sabem ministrar, sob formas diversas, a cada um o ensino dos preceitos invariáveis de uma sã moral.

Júlio Dinis, Inéditos e Esparsos, Lisboa, A Editora, 3ª edição s/d, pp. 258-260.

DIMENSÕES DA DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

ORGANIZACIONAL E CURRICULAR



1

Diferenciação ORGANIZACIONAL relativa à forma como se distribuem os alunos por cursos, turmas ou grupos.

2

Diferenciação CURRICULAR relativa às formas como se desenvolve o currículo, os métodos de ensino e os objectivos de aprendizagem.

3

Diferenciação AVALIATIVA relativa à forma como se combinam os diferentes instrumentos de avaliação.

MODELOS DE DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

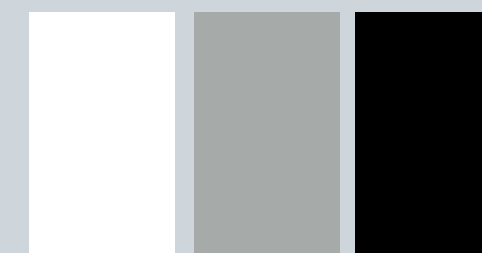
ORGANIZACIONAL E CURRICULAR



Diferenciação de
percursos



Diferenciação entre
escolas



Diferenciação entre
turmas



Diferenciação entre
grupos de alunos

1

Diferenciação de percursos (Vocational tracking):
elevado risco de aumento das desigualdades
educativas

2

Diferenciação entre escolas: risco de exclusão,
escolas socialmente valorizadas ou estigmatizadas.

3

Diferenciação entre turmas (streaming / tracking), de
acordo com os níveis de capacidade dos alunos: os
melhores melhoram, os mais fracos não beneficiam.

4

Diferenciação entre alunos (ability grouping) no
seio da mesma turma: não há melhorias
significativas, risco de aumento das desigualdades.

DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

Os argumentos contra e a favor

1

... academic differentiation increases inequality in cognitive skills (Lucas, 1999; Rosenbaum, 1976; Oakes, 2005).

2

Segregation of struggling students with low-achieving peers and the restriction of course content in low-ability settings may depress opportunities to learn (Gamoran, 1987, Gamoran and Mare, 1989)

3

Continuity over time in placement in low-ability groups, tracks, or schools (Alexander and Cook, 1982; Gamoran, 1992; Hallinan, 1991) may create a cascade of negative effects as diminished opportunities one year lead to grouping or tracking decisions the next that further reduce opportunities, ...

4

... academic differentiation then arguably contributes to the inter-generational transmission of inequality (Nomi, Raudenbush, 2013)

1

... creating homogeneous instructional settings increases the efficiency of instruction (Nomi, Raudenbush, 2013)

2

Teachers can target their instruction to the “zone of proximal development” of their students, challenging students to move to the next level of skill but not overwhelming them with unattainable learning goals (see review by Hallinan, 1994; Gamoran, 2010)

3

... academic differentiation promotes social efficiency; as students reveal their skills and interests, the system of academic differentiation guides them to occupational roles for which they are best suited (Davis and Moore, 1945 Powell, Farrar, and Cohen, 1985).

4

Children thereby become increasingly aware of their skills and interests are thus incrementally prepared psychologically to accept differentiated adult roles as they progress through school.

GRUPOS HOMOGÉNEOS E HETEROGÉNEOS

Qual o critério e o objectivo da formação dos grupos?

1

Intencionalidade educativa: a definição dos critérios de agrupamento é indissociável dos objectivos de aprendizagem.

2

Avaliação realizada pelo professor do nível de desempenho do aluno a nível geral ou em determinadas matérias

3

À diferenciação dos grupos pode corresponder uma diferenciação do currículo, dos processos de desenvolvimento curricular ou das práticas pedagógicas

4

A diferenciação pode ser rígida ou flexível ao longo do período lectivo.

5

À diferenciação organizativa na sala de aula pode não corresponder uma diferenciação equivalente das atitudes perante a aprendizagem e perante os restantes alunos, a sua auto-estima e expectativas.

1

Não existem critérios de agrupamento neutros. A sala de aula é um reflexo das diferenças sociais e culturais que a aprendizagem poderá ou não esbater.

2

Toda a avaliação é condicionada e limitada pelo que não dispensa a monitorização regular dos resultados e da prossecução dos objectivos.

3

À diferenciação dos grupos pode ou não corresponder uma diferenciação do currículo e das práticas pedagógicas. Os efeitos são desiguais.

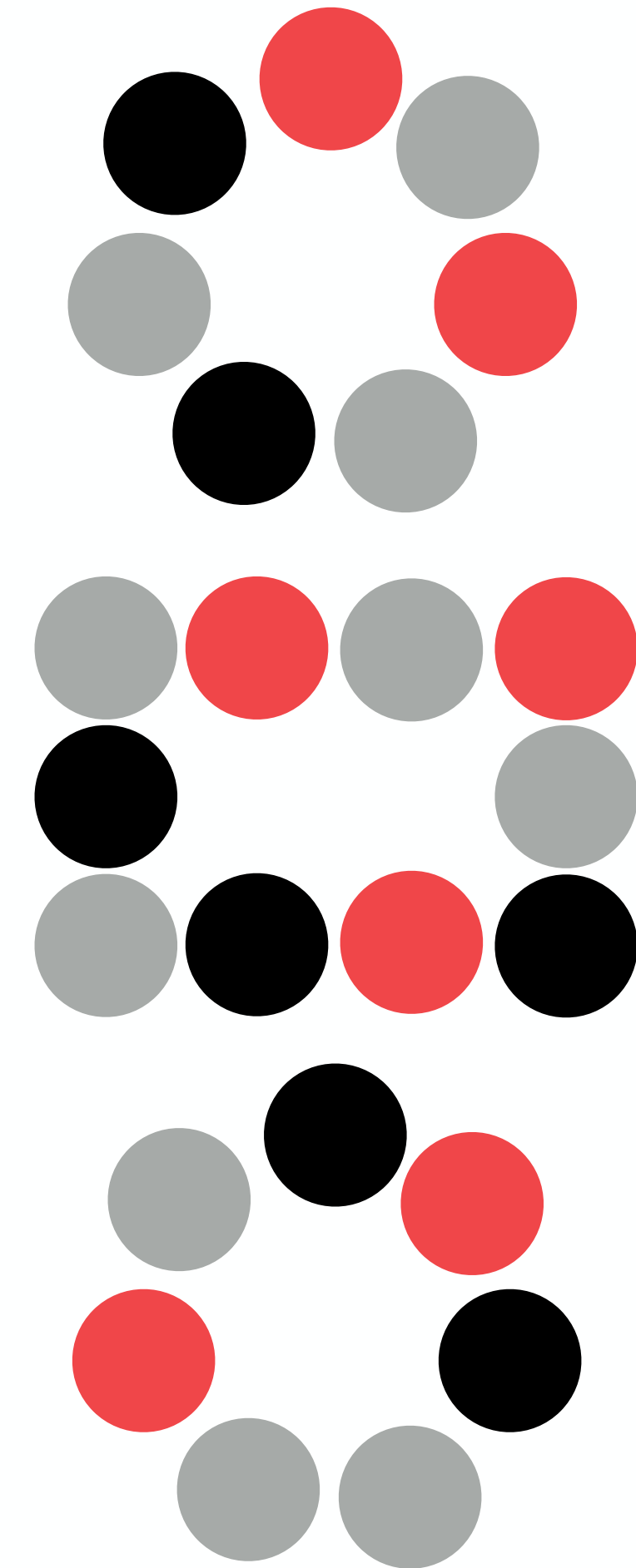
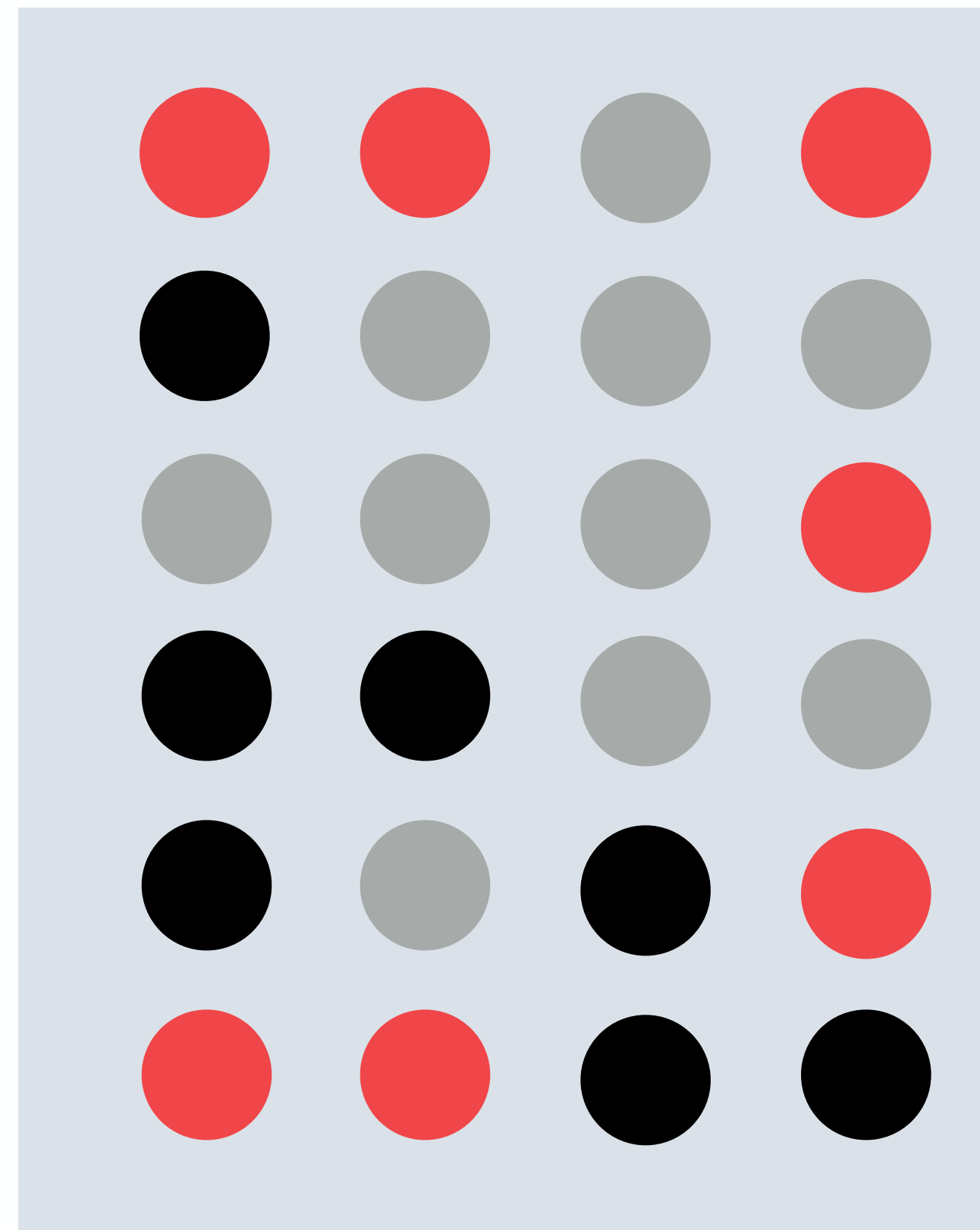
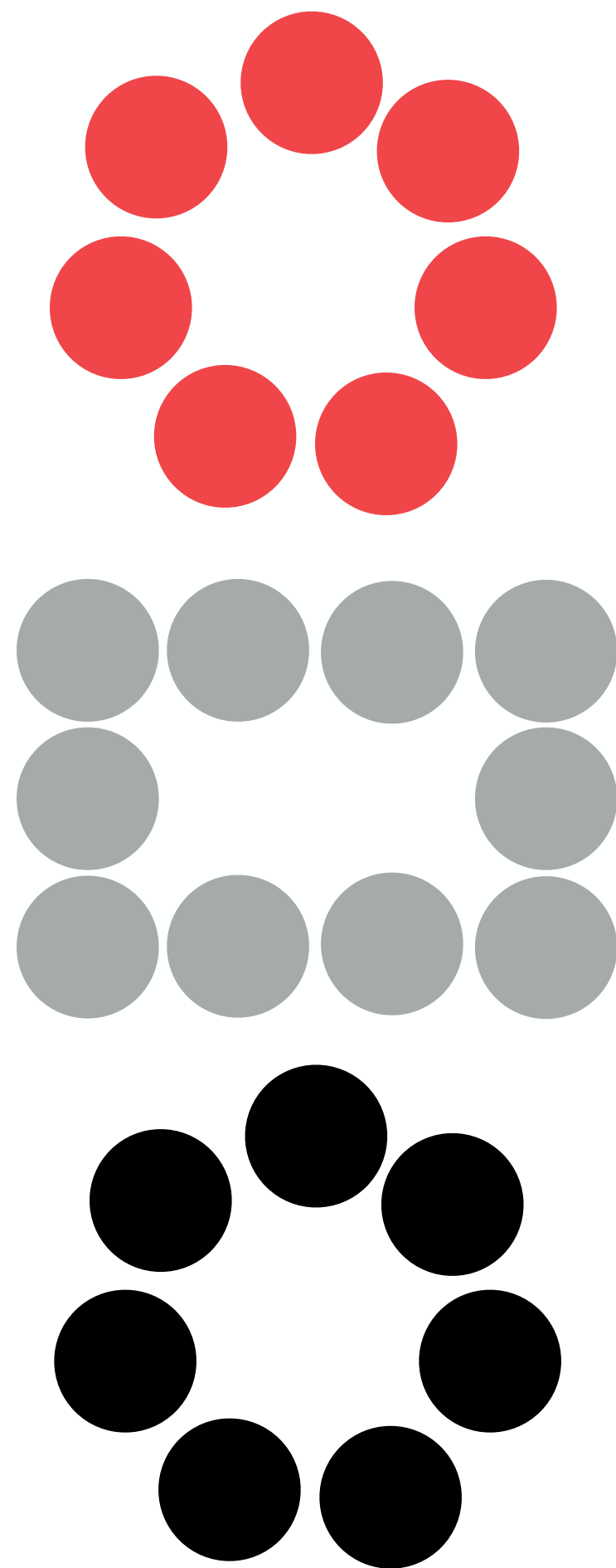
4

A adopção de grupos fixos ou grupos flexíveis ao longo do período lectivo e em função das matérias tem efeitos desiguais na atitude dos alunos.

5

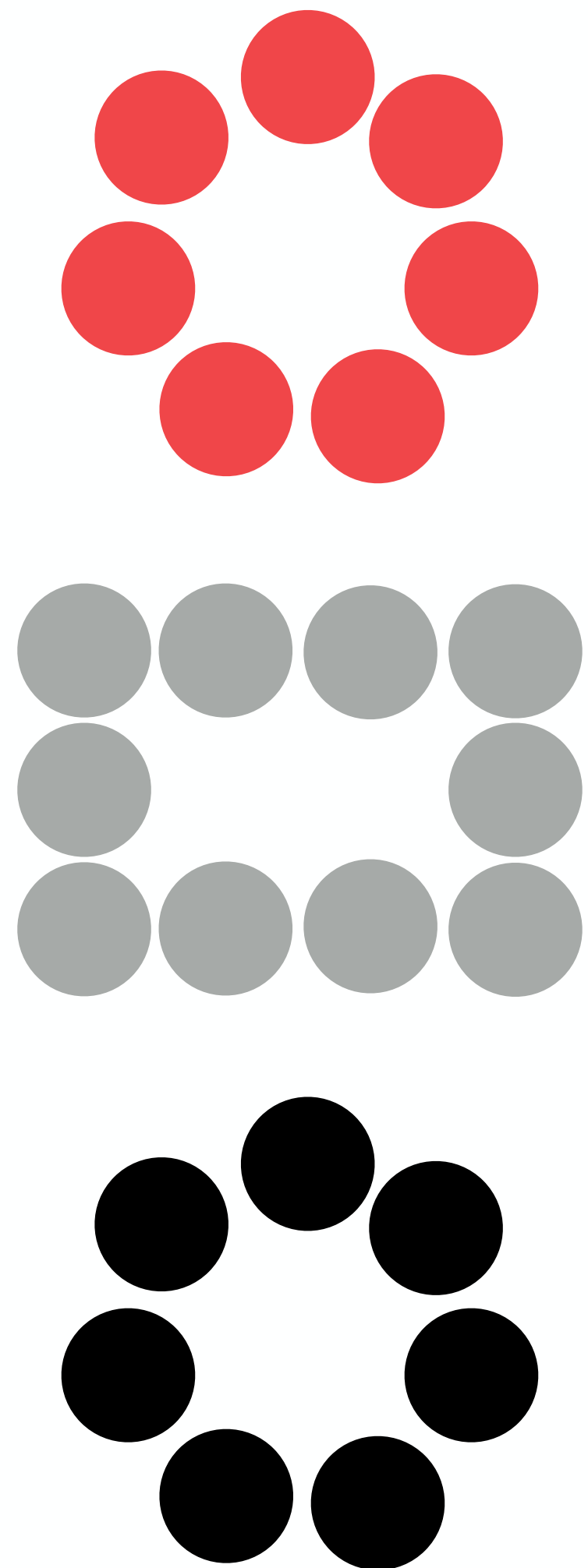
Os processos de aprendizagem não se limitam à dimensão cognitiva. Outras dimensões podem potenciar ou limitar a prossecução dos objectivos.

GRUPOS HOMOGÊNEOS E HETEROGÊNEOS



GRUPOS HOMOGÊNEOS

Vantagens e desvantagens



1

Maior facilidade de ajustamento dos objectivos e ritmos de aprendizagem aos diferentes perfis dos alunos.

2

Maior exigência no planeamento da acção e dos recursos pedagógicos em função dos diferentes objectivos de aprendizagem

3

Maior eficiência na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo.

4

Maior cooperação intra-grupos, menor propensão a atitudes competitivas por parte dos alunos.

5

Desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais.

1

Tendem a acentuar as desigualdades de desempenho. Os melhores alunos tendem a tornar-se ainda melhores. Os mais fracos pouco beneficiam.

2

Risco de quebra de auto-estima e motivação entre os alunos mais fracos.

3

Redução do tempo de ensino comum.

4

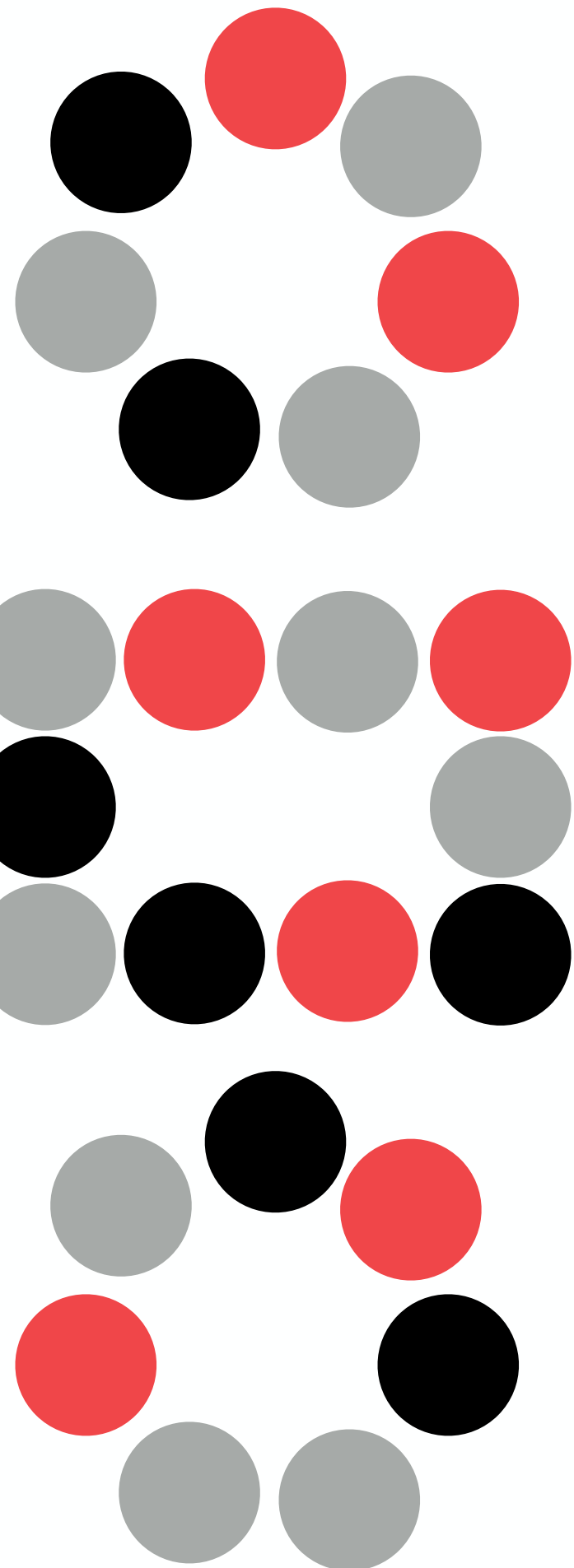
Os alunos mais fracos beneficiam de menos oportunidades de aprendizagem.

5

Os professores tendem a diferenciar o seu relacionamento com os diferentes grupos.

GRUPOS HETEROGÊNEOS

Vantagens e desvantagens



1

Melhora a igualdade de oportunidades permitindo a todos os alunos igualdade de acesso ao curriculum e aos recursos

2

Incentiva o trabalho cooperativo e o efeitos de uma socialização diversificada.

3

Cria ambientes de aprendizagem geradores de confiança entre alunos e destes com o professor.

4

Maior cooperação intra-grupos, menor propensão a atitudes competitivas por parte dos alunos e menor risco de estigmatização.

5

Desenvolvimento diversificado de competências sociais e comunicacionais.

1

Menor eficiência no processo de ensino - aprendizagem.

2

Exige maior intensidade no ensino comum e maior atenção às necessidades individuais dos alunos.

3

Aumenta o risco de os melhores alunos se sentirem limitados na sua aprendizagem, tornando-a mais lenta.

4

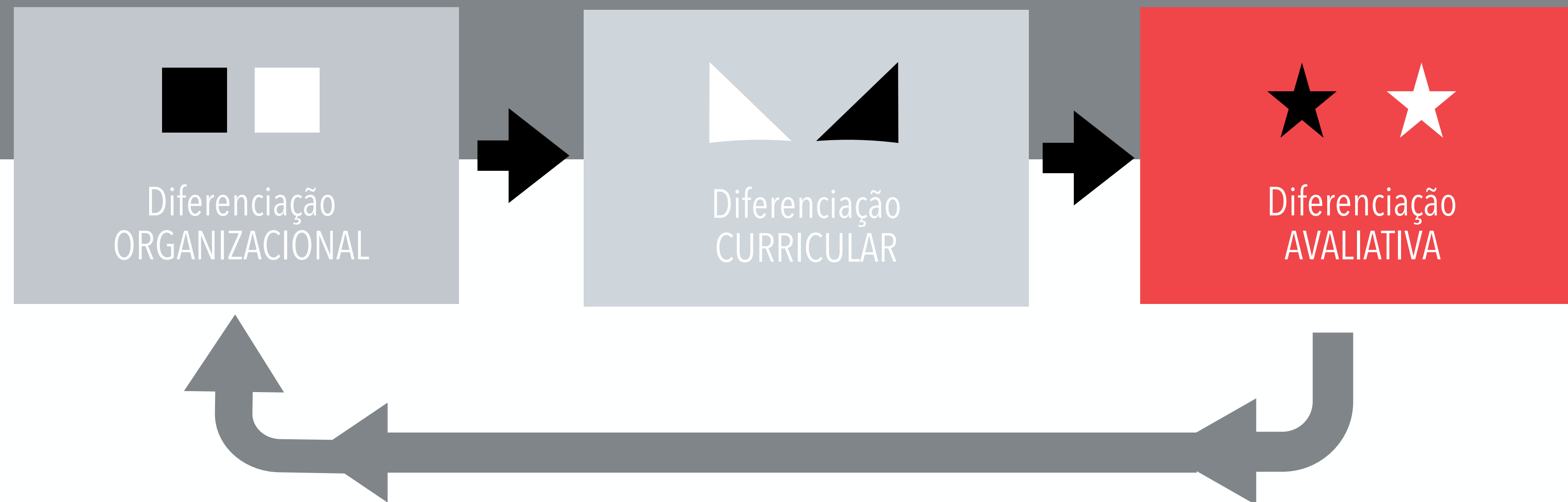
Mantém-se o risco de estigmatização de alunos no seio do grupo.

5

Os alunos de desempenho médio pouco beneficiam

MODELOS DE DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

AVALIATIVA



1

Transformar os modelos em processos adaptativos e flexíveis orientados pela monitorização avaliativa.

2

Diferenciação dos instrumentos de avaliação, não significa "facilitação" dos critérios de avaliação.

3

Superar a falsa distinção entre avaliação sumativa e formativa: toda a avaliação pode ter efeitos formativos.

4

Quer a diferenciação organizacional, quer a curricular, quer a avaliativa, não podem ter efeitos de discriminação, positiva ou negativa..

DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA

Fazer de cada escola, cada turma ou cada grupo uma equipa unida na diferença e mobilizada por um propósito comum.



O que seria desta equipa com 11 Ronaldos?